



Ana
Margarida
de Carvalho

Não
se pode
morar
nos olhos
de um gato

ROMANCE

teorema

Ana Margarida de Carvalho

NÃO SE PODE MORAR
NOS OLHOS DE UM GATO

teorema

ADVERTÊNCIAS

1. Lamentavelmente não comparecerá neste livro qualquer tipo de felino, e aqueles que se intrometeram entre as linhas, contra a vontade da autora, são pardos, quase vultos, irrelevantes para a história, passos mansos e insonorizados, de cujas patas não chega a despontar garra.

2. Nenhum animal foi maltratado durante a escrita deste romance.

«Queixa-te coxa-te desnalga-te desalma-te
Não se pode morar nos olhos de um gato»

ALEXANDRE O'NEILL, *POEMA DO DESAMOR*

«Tentemos então ver a coisa ao contrário
do ponto de vista de quem não chegou
pois se eu fosse um preto chamado Zé Mário
Eu não era quem eu sou»

JOSÉ MÁRIO BRANCO, *CANTO DOS TORNA-VIAGEM*

«É muito raro, mas às vezes acontece.»

JOÃO MANSO-PINHEIRO, 4 ANOS

Capítulo primeiro, em jeito de concluindo

E se já vão mortos porque temem o naufrágio?

Olhem, que vos digo eu, a iniludível providência na queda de um pardal. Ou de outro pássaro qualquer. O céu que se abate debaixo dos nossos pés, tumulto impávido, que vos digo eu, mulher de pau invertida, ao mar arremessada. Olhem os meus peitos rasos de donzela por entre um rasgão nas vestes, molho de trapos insuflados, Ofélia louca e desgrenhada, as minhas pernas de idosa, ao alto, encardidas dos séculos e do unto baboso dos dedos de tantos homens, que as percorreram lascivos de devoção, que aqui largaram as marcas abertas de pus e sangue, a deixar um lastro de fel por minhas coxas acima, olhem, que vos digo eu, o último olhar lânguido que lhes deita um moribundo...

Ai, dona fea, fostes-vos queixar que vos nunca louvo em meu cantar...

Olhem as minhas pernas de santa de pau embarcada, polidas por plaina diligente,

insistente,

que nunca nenhum homem as conseguiu apartar, firmes, profanadas apenas pelos bichos que se enterram e consomem, valho-lhes mais a eles, velha, sandia e carunchosa, do que aos penitentes que me rogam louvores e preces, a remoerem queixumes mal anoitecidos debaixo de línguas pútridas,

indecentes.

Bebam daí a vossa sorte, pelas sete dores de Maria, pelas sete vagas do mar. Que cada um sabe de si, negra morte vos surpreenda. E cedo morram na forca, aqueles a quem o mar não cerra a boca.

Olhem, que vos digo eu. Me levam as águas e é de meu grado. E que abocanhe o peixe aquilo que vê, já os meus pecados se dissolverão. E nem ao Senhor eu peço conselho. Aqui no mar não é o seu reino. Olhem agora, vos digo eu, que não poderia haver melhor. Liberto-me das vossas manhas, purifico-me das vossas mazelas, apaziguo-me dos vossos pesares, dos vossos escarros de raiva, dos vossos vômitos de vilania, dos vossos enjoos de embarcações, que sempre clamam pela santa, Nossa Senhora de Todas as Angústias, quando o céu vos cai aos pés,
ora pro nobis.

Deixem-me agora os ouvidos prenhes de lamúrias vãs, que não vos posso acudir, piratas, bucaneiros, flibusteiros, negreiros, remelentos, entronchados, que não há barca que agunte males tão torpes no mundo, ide-vos e me desamparades, cornudos, fideputas, samicas de cagamerdeiros, má rabugem que vos dê...

Dade-m'alvíssaras...

Que o mar é rude e grosso, mas leve para a madeira. Mulher tronco não o receia, que vos digo eu, que o loarei toda a vida. E vede como vos quero loar,
ó mar.

O seu sopro já me liberta a cabeleira, costurada por caridosos dedos, de fios entrançados de cabelo de índia, arrancado o escalpe, a moça ainda viva, estuprada por mais de vinte, deixada de rojo num charco de sangue, sémen e lama, na retina da exânime nativa ainda aprisionado o pasmo daquele bando que lhe assomou ao caminho, pálidos seres com bocarras que borbulhavam palavras e cuspo e muitas mãos peludas, aranhas tenebrosas a percorrerem-lhe o corpo, convulso...

Já não têm que beber, já não têm que tragar, sobe, sobe marujinho àquela gávea real.

Famintos andam os homens do porão, a enterrar os dentes nos próprios braços ou na carne de outro braço que a boca alcance,

membros empeçonhados dos ferros que os agrilhoam, tementes andam os que empunham os chicotes, que se sente o clamor a rugir lá de baixo, a crescer, a rebentar, lava humana em espasmos de clamor, a revolver-se sobre si própria, a agitar-se debaixo dos nossos pés, sem encontrar saída, e que nenhuma crosta pode conter. Olhem, que vos digo eu. Que mal é este na barca, pior cem anos do que a peste. Dez dias sem lhe dar o vento, no pavor da calmaria, a água dos tonéis a minguar. Leva-se a santa para a proa, atada ali a gretar, nem um fio do meu cabelo o vento fará levantar. Uma missa de almas, o grande criador do universo nos dê bom vento. Tende piedade de nós. Sancta, Mater, Virgo e Regina! Que o tédio é pegajoso como visgo das flores amarelas de Mato Grosso do Sul, terra de índios kaiowás.

Ide-vos e me desamparades!

Pois, pois, que vos digo eu, a grande linha não se há-de passar. Passará, não passará, põe-se o navio em silêncio de claustro de trapistas. A nau alterosa de castelos, de velas recolhidas, murchas como mamas de anciã, parece um tripé desamparado de um pintor há muito desprovido de inspiração. Não saem os passageiros das cabines, remete-se o capelão ao seu recato, que já não lhe sobram mandos, não se escuta o grito dos oficiais, nem o salmonear dos marujos, nem o sibilar do vento no mastro e na cordoalha. Apenas o estalar do navio e o fragor dos cativos, como tosse seca que se torna cavernosa,

tormentosa,

revoltosa,

que a todo o momento pode soltar a expectoração que nos vai ultrajar a todos. Já a sinto, num rumorejar de entranhas que se puxa e cospe. Escura e glutinosa como o rancor. Que bom solo é este, as pranchas do convés, para germinar o ódio. Cada gota de suor é uma semente de asco, cada gota de sangue de escravo flagelado é cultivo de abominação, cada gota de lágrima de grumete

amedrontado é adubo de malevolência. E eu já vejo as raízes de peçonha que se alastram até ao casco e o matagal daninho de repulsas que floresce, lustroso, entre as frestas rangentes de cada tábua. Que triste desventura, que mal é este que a muitos toca, que já vou como minhoca que puseram a secar? Até a mim, feita de pau, me tremem as carnes de ver a aflição alheia a enroscar-se no navio, o encontro das nuvens negras para a tempestade perfeita, o torvelinho de mil gatos pardos,

erichados,

emaranhados,

num tumulto de garras afiadas que não se olha nem ouve, apenas agoura.

Triste de quem não cega em ver. Andam todos com o credo na boca, ferve-lhes o sangue negro em ebulições que o demo há-de beber...

Que má hora vos paristes, mãe da filha do ruim!

Nas tempestades temem-se as vagas traiçoeiras, as ventanias rijas, todas as forças de mil braços de um só corpo a aguentar os cabos irados. Na acalmia os homens temem-se uns aos outros, a fome de um reflecte-se no olhar do do lado, desconfia-se, desviam-se os assuntos, calam-se os intentos, engolem-se os suspiros, bebe-se em seco... Olhem ainda agora, vos digo eu, pequenas movimentações, passos cautelosos, congeminações ciciosas. Doridas vão as queixadas de sugar couro seco. Não há comida, encolhe-se a ração, os marinheiros mastigam o ar, procuram peixe,

o pão do mar,

usam como isco as suas próprias fezes, invejam a mistela enviada lá para baixo, dada aos escravos do porão. Há três cavalos a bordo, valem mais do que toda a carga, é zeloso o capitão inglês, mais depressa mandaria borda fora todos os cativos clandestinos que só lhe trazem pesares e inquietações, do que estes três animais de puro-sangue. Render-lhe-ão bom dinheiro, assim que

um seu compatriota lhes puser arreios, 17 libras esterlinas nos bolsos, e assenta praça, a última viagem, lança âncora em terras sem areias nem sal, uma índia para companhia e há-de voltar a sua casa de costas para tanto mar,

tanto mar

de aziagos, pelejas e tormentas. Isto digo-vos eu, que lhe escutei os pensamentos enquanto ele fazia que orava, aos meus pés ajoelhado. Com um olho na santa, dois dedos no peito em sinal da cruz, e a ideia na índia que meu cabelo lhe faz lembrar.

Tem-nos, aos três cavalos, luzidios, alimentados a feno e palha, que não lhes falte nada, escovados com água do mar, à sombra de telheiro de lona, guardados por um moço de estrebaria que, de tanto dormir com eles, já cheira como eles e relincha quando fala. Os cavalos raspam os cascos no sobrado, de tédio e inacção. Não os quer o capitão passeados pelo convés, como no início da viagem, notou a cobiça nos olhos e a fome nos dentes dos marinheiros. E o rapaz... queime-me o Senhor os bicos das mamas se nunca lhe dei protecção nas minhas preces, deformado como uma praga, estúpido como uma leguminosa, que eu, de tantos anos embarcada, de tanto escutar brados de homens do mar, também em mim criei superstição. Quem vê o mar não o conhece, olha e sente-o, só não o pode saber. Ele tem obscuros mistérios, medonhos intentos, que não quereis desvendar. Porque é sempre renovado e em novas formas se apresenta, ora se revolve como monstro eriçado de picos e corcovados, ora se amaina em funesta planície e navegamos num olho de homem morto, na horizontal, distendido e sem viço. Um mar seco de deserto. Tórrido presságio. Por isso, digo-vos eu, não o desafieis.

E tu, tem-te, ó moço,

a deixar um travo a estrume sempre que passa e a roçar a corcunda para se coçar nas amuradas, como um cão tihoso, e com a cara tão picada de bexigas que parece o mar quando chove.

Aos homens complica-lhes os nervos o intruso, nem passageiro nem oficial, nem marinheiro nem prior, nem escravo nem capataz, peça sobeja em tabuleiro flutuante. A mim não me puxa a compaixão, estou do lado deles, homens ruins de gengivas rotas, sou eu a mulher que têm durante as travessias, mulher incompleta e de pau, a quem entregam todos os terrores,

todos os clamores,

a quem acendem velas e renovam promessas. Sou eu que sei dos seus últimos cuidados, quando perdem um pé neste mundo e entram com o segundo num outro. Homens rudes, que arregaçam as mangas e mostram as cicatrizes, as tatuagens, corpos martirizados, tornam-se outra vez tenros, iniciais, limpos e pequeninos e chamam pela mãe. Ninguém, só eu, os consegue ouvir na transição. E se do mar abalam, mortificados de tantas fadigas, padecimentos, disenterias e pestilências, procuram-me na igreja, impregnam-me de beijos e incensos e ficam à porta, homens de madeira, como eu, de pele curtida e cara de paisagem inóspita, à esmola, de pé.

Porque ninguém tem compaixão por homens sentados.

Não te aliviarei as feridas, ó moço malparido, quando vieres até mim, esfregar essa excrescência de carnes e ossos no meu altar. Não esqueças que mar também é espelho. E a ele podes ofender.

Revolve-lhe as profundezas, ele cometerá loucura.

E o oceano é demasiado imenso para de um só se vingar. Pena um, penam todos, que o mar não é de pinçar penitentes, que importância pensas que tens tu, ó moço?

Mais disto não te podereis gabar, que se m'eu faço bom cantar. Pobres dos cavalinhos, não são assuntos da minha competência, que a mim bem me basta ser santa de homens, bem melhor valera ter noutros meu patrocínio, que pressintam como eu e não se possam queixar. A mim deixaram-me a boca muda, lábios cerrados num sorriso cor de damasco, inerte e complacente, a eles açaimados de palavras, que disso não têm culpa os freios e as embocaduras.

Desassossegam-se no estábulo improvisado, galinhas alvoroçadas com raposa nas redondezas, já tinham também os cavalos lido a fome nos olhos dos marinheiros. Nunca mostreis um copo de água a um afogado, nem uma corda a um enforcado, que vos digo eu. Nem o couro fresco a quem o acabou de provar crestado. Já foi o moço apanhado, manietado de pés e pulsos, vejo daqui o que pressinto, e ainda nem ele atinou com o que lhe aconteceu, são sombras que se movem na noite, e não homens, que de navalha veloz retalham um dos animais, o que estava mais a jeito. Esgueiram-se, ágeis como só as sombras sabem ser, deceparam a cauda e duas orelhas, e um ainda volta atrás para ir buscar mais uma talhada do lombo. Desperta o moço num alvoroço, o olho vesgo intumescido, desorienta-se, a corcunda desequilibra-o, cai outra vez, que as pernas arqueadas não são do balanço do mar, mas de os bichos montar. E lá trepa aos aposentos, de vela à frente a alumiar, lamentoso, com menos dor do que medo, dar parte do sucedido ao capitão. Fizera bem em ter mais medo, o capitão logo ali lhe arreia, que prestante lhe tem o medonho guardador de cavalos se não cumpre a única tarefa a que foi destinado? Já vai de luzerna apreciar os estragos, seguido de dois oficiais e do passageiro de cabelos de açúcar mascavado que logo sugere, perante a agonia do animal, manco de duas orelhas, de uma cauda e ainda de um naco de carne no lombo, a morte por misericórdia. Ele, eu bem o sei, o peso da morte lenta de um animal lhe traz a consciência enlutada. Parece sensata a sugestão, já não tem nenhum valor e sangra tanto que nem sobreviverá ao dia seguinte. Está intransigente o capitão, vejo-lhe a vingança nos olhos e não é verde como a inveja, nem vermelha como a raiva, mas roxa, como o pano de cobrir o cálice, que já vem transbordando de sangue coagulado. E quase se atira ao venerável passageiro, que com tanta contenção se lhe vinha dirigindo a viagem inteira. Para não lhe afinfar um sopapo, descarrega outra vez no moço, duplamente curvado, ao peso da corcunda e da pancada.

Ninguém sai dali, está visto, amanhã, ao raiar do dia, ele mesmo se encarregará de encontrar os culpados, tratantes, canibais, vão pagar caro, que gentes selvagens só se aquietam com selvajarias, e a santa, Nossa Senhora de Todas as Angústias, sou eu,

vai abençoar.

Tenho de acudir às raposas que me encomendaram o sucesso da empreitada e agora ao dono das galinhas que espera de mim a justiça, também se pode chamar retaliação, é uma questão de perspectiva. E quem me dera a mim livrarem-me da auréola. O raio da tempestade não foi criado para alumiar, mas para atizar. Que Deus é este que ninguém entende?

Se os deuses não dormem, porque os sonham os homens?

Quem nasceu para rastejar nunca poderá voar. E eu, do meu sorriso de beatitude, compadecido, só me apetece abrir as pernas de cigarra velha, talhadas em madeira de larício, desbragar o manto, escarrapachar-me no alto do mastro, pelourinho desta barca do cornudo que ousa singrar o peito paciente do mar, e dali lançar impérios, com a cabeleira índia solta, a gritar à Lua, que é o sol das estátuas nuas, indecorosas. Antrecosto de carrapato, excomungados nas erguejas, per caguem no sapato caganitas de coelha, filhos da grande aleivosa...

Vossa mulher é tindhosa e há-de parir um sapo chantado no guardanapo.

Vai um século que ando nisto, ai os meus filhinhos quem nos há-de ajudar, ai a minha pobre mãe que não a tem quem a possa auxiliar, ai que me arde o coto, levem-me o braço, salve-me o resto, salve-me o corpo, salve-me a alma, rogai por nós, nós vos bendizemos e vos agradecemos por todas as graças que nos concedestes...

A todos vos levo nos meus ouvidos.

Aos negros lá de baixo, apertados, suados, que pensam que já vão mortos, embalados noutra mundo, suspenso num olho de

defunto, e se se esquecem do susto e do pavor é porque a fome e a sede lhes faz lembrar que a vida é obrigação. Condenados à vida num túmulo navegante. Soubessem eles a graça que lhes é concedida, não se pode duas vezes morrer, resgatados das brenhas das etiópias, a sorte de contactarem com a civilização e a salvação eterna. Não é miséria nem cativo, é milagre!

Ámen.

Aos homens cá de cima, que rogam por vento e investigam sinais de brisa nos meus cabelos à proa. Ao capitão que mastiga a raiva de noite, num ranger de trituradora durante o sono, e a cada viagem vão mais moídos os dentes, rasteiros às gengivas. Ao passageiro, o homem de cabelos de açúcar mascavado, que fala baixinho, escuto-lhe os rumores de uma dor sem fundo, vem até aqui o eco das pedras que ele vai largando nos abismos soturnos que carrega em si, a velhice passou-lhe do coração para o rosto, vejo-o de rugas tão vincadas pela culpa que lhe acrescentam dez ou vinte aos anos que tem. À rapariga que viaja também com uma dor interior, que já troca os dias pelas noites, de dia anoitece, de noite amanhece, desfalecida pelos cheiros fétidos, pelo tédio e pela saudade que lhe desdobra o peito e lhe consome os pensamentos a toda a hora, um chão carcomido pelo bicho-carpinteiro, sem descanso. Se a calcam com força, ela desfaz-se, sobra dela a poeira dos ossos, como um dejecto de hiena, seco e branco das presas que mastigou até ao esqueleto. Parece um pássaro deixado ficar para trás pelo bando que migrou. Adormece quando calha, com cartas nas mãos translúcidas, tão débeis, tão húmidas, e resguarda uma palidez de espuma suja, fechada dias a fio na cabina, que metade da tripulação nunca lhe põe a vista em cima, porque ela sai, e só eu o sei, quando não escuta rumor e pensa o navio adormecido, pés descalços, desloca a sua leveza até à amurada, lança ao mar folhas escritas em letra miudinha, debruça-se a contemplar o papel a empapar-se, a caligrafia a dissolver-se, até o luar se desinte-

ressar pela correspondência ensopada e começar a iluminar outras partes, as franjas do seu xaile, os filamentos, quase penugem, já não cabelos, no seu pescoço, que se soltam, tão finos, que o rolo e os ganchos nunca conseguiram domesticar, os seus tornozelos lívidos. Nisto quem repara é o passageiro, que a vem espreitar, a suster a respiração, com a cumplicidade da noite, que o luar nele não clareia nem nunca abrihantará coisa alguma, condenado a vulto, mesmo nas noites sem breu. Quer falar-lhe, a voz jamais lhe sairá. A timidez fecunda a tibieza. Nunca hão-de chegar à fala, e duas pessoas em silêncio dão sempre muito que dizer.

Dai-me, senhora, as vossas paciências...

E ainda há a mãe dela, mulher adunca, sempre com a aflição nas saias e o credo nos lábios chupados de sofreguidão. Os passos que retorquem no sobrado, acelerados, a querer saber, a apelar ao capitão, solicita, requer, ordena, tem uma espécie de séquito, que a escolta, de trás para diante, eles é que parecem as ondas ausentes. O capelão que lhe ampara os receios, vacilantes, e lhe aplaca a alma,

ora pro nobis,

e a ama negra que lhe amamenta e carrega o filho, criança adorada, loura e rosada, mimada em desvelos pela mãe desassossegada, que o atavia em atilhos e rendados, lhe enrola o dedo nos caracolinhos, que me reza a mim não sei quantas ave-marias, não vá o menino, que já gatinha, fugir-lhe da alfofa e cair-lhe do barco, não vá a criança tão esguia sumir-se entre as grades do porão e ser devorada viva pelas centenas de braços lá de baixo, que ondulam, sargaços sombrios, não vá o catraio engalfinhar as perninhas, tão tenras, roliças, nos cabos ensebados dos marinheiros e joguem borda fora o anjinho com os desperdícios e outras imundícies. Má raça do barco, vem cheio de moléstias. E saem-lhe da boca impropérios, alfinetadas, desabafos, que o capelão vem emoldurando de orações, temeroso de que eles me cheguem a

mim, padroeira do navio, já que não sou salva-vidas, em caso de naufrágio, destinaram-me, porém, a poupar as almas. Não é de pouca monta o contrato. Não brinquéis com o fogo quando a madeira é que vos sustenta, incauta gente esta... E a mulher faz que sim, pede a bênção, senhor padre, mas não, não aguenta tanta podridão, queixa-se, lamenta-se, volta a benzer-se, e o rumor dos lá de baixo, e o cheiro, que não há vento que o desvie das nossas narinas, maldita travessia, aziaga calmaria, mar de belzebu, capitão alambazado, que só tem olhos para os cavalos, animais do demo, só puxam o demónio, perdão, senhor padre, a sua bênção três vezes e mais uma para o menino, que a filha a leva perdida, já bebeu a sua sorte de taça envenenada, o menino...

O menino é luz dos olhos, Deus mo guarde e proteja, que nesta barca de perdição parece urna, a julgar pelo fedor que já se me agarra aos cabelos, das pontas das tranças ao couro cabeludo, e ao menino, e à ama, vaca sebenta, carapinha eriçada, que o teu leite o sacie e o faça medrar, em terra te mando açoitar, vais ver que não perdes pela demora, uma vergastada por todos os olhares de esguelha que me lançaste, ó preta velha, que dos teus mamilos só sangue vai brotar. Que, por ora, o teu leite não amargue ao menino, desses peitos pendidos até à cintura, espremidos com as mãos rechonchudas que lhes espetam as unhas na carne...

O meu menino é d'oiro, d'oiro é o meu menino, Hei-d'intregá-lo ós anjos, p'ra lembrar qu' é pequenino.

Olhem, que vos digo eu, a mulher sempre a agoirar, a ameaçar a preta que carrega a sua riqueza de menino. Como todos maldizem o barco nauseabundo que a todos carrega. Como todos amaldiçoam o mar que a todos sustenta e o mais que pudera tragar... Imprudentes, gente desacautelada, que tanta peçonha, inveja, ódio, avidez e culpa vai no ar, que não pode uma pobre santa de pau e cabelo de índia caucionar. Olhem, que vos digo eu, que daqui da proa antevejo todos os vossos olhares oblíquos, os vossos

desejos lascivos, os vossos âmagos tormentos. Só eu sei como os marinheiros contêm o desdém por aquela branca imprevidente que lhes dá ordens, os pontapeia à passagem, quando de gatas esfregam as tábuas, e blasfema e maldiz a tripulação. Traz o azar ensarilhado nas saias, rosnam os homens que a evitam, desviam o olhar, preferem detê-lo na preta que vai atrás, cheia de carnes, abre o decote, mostrando os rubicundos outeiros das mamas, como as romãs do poeta que também andou, diz-se, embarcado e desventurado. Peitaça de fora, a alimentar o fedelho, sorte tem esse, atabafado em tão repolhudo colo, duas vezes embalado. Uma pelo mar, outra pela ama, que todos cobiçam e ela bem o sabe, rebola as ancas, altiva, e exhibe a dentuça branca. A alguns, mas nunca aos mesmos, para lhes agitar os sonos a todos, e daí a nada anda a tripulação inteira a suspirar. E a patroa a zelar pela nutrição do criança, que funga e rabuja enfasiado quando a mãe o segura, está melhor instalado no outro colo, que naquele só encontra ossos e folhos que lhe comicham o nariz. E a mãe insiste em dormir com a sua riqueza de gente na cama, assim enganar-se a aflição, livra os sonhos de todos os sustos, de o perder, de alguma onda o levar, de algum monstro marinho o engolir, de os humanos raivosos o devorarem, liberta-se a criança mal sente a pressão do braço materno a afrouxar, deixa-se escorregar até ao chão, onde está a ama, e nos seus peitos se aninha e suga. Como dantes procedia o pai, que se escapava dos lençóis da mulher para se deitar na esteira com a preta, faz agora o pequeno. E a ama, precavida, faz, também ela, como é hábito, pressente o acordar da mulher branca e vai pôr-lhe, com todas as cautelas, a criança adormecida entre os braços, como lhe trazia o marido, arrastado, e embriagado, para a cama de casal...

Ai, a iniludível providência da queda de um pássaro, qualquer que ele seja, que vos digo eu, nesta barca, peleja de tigres. Maior afronta levam os tementes a Deus, que pela calada o traem e

desafiam. Olhai para o capataz e o criado, que fazem que me rezam, e ajoelham, tudo encenação, tudo forjado, parelha de pantomineiros, que vos digo eu, das suas línguas-de-trapos saem ladainhas incompreensíveis, até por mim, que aprendi os falares de tantos mundos. O bruto faz que é poeta,

rimas imperfeitas, deselegantes, faz rimar o capitão inglês com última vez, juncais com abissais, o homem que veio da terra e do chicote e traz notícias de leviatãs apodrecidos, entre os limos, a sua impoética infância,

o criado apenas mexe os lábios, a disfarçar. A dupla inseparável renuncia à santa, pela calada, na sua união ganham a força plural, não desguarnecem as costas, quando um se afasta, o outro fica de atalaia, sempre de chicote pronto. E descem lá abaixo, ao fundo do porão, e patinham nas fezes e na urina e no sangue que, misturados com a água do mar infiltrada, criam uma espécie de lagoa fétida, charco empeçonhado, onde viajam as criaturas sem Deus, amontoadas, imundas, algumas tão martirizadas que já vão mortas e se corrompem, e ninguém dá conta. Ou dá, mas antes viajar preso a um morto do que a um vivo, que esperneia, guincha e te ambiciona a razão. Melhor ter ao teu lado, te digo eu, um morto, estar agrilhoadado a um ser inerte e em decomposição que não te tolhe os movimentos e não te rouba a tua parcela de sopro e não te faça suar suor alheio ou embaciar de respirares que não são teus, sonhar sonhos que também te não pertencem.

Os mortos ao menos não sonham, são sonhados.

Ocupam menos espaço. Olhem, que vos digo eu, lá em baixo, assediados por faunas repelentes, onde nem a luz e o ar ousam penetrar, a água já dá pelos tornozelos, os escravos vão deitados, amontoados, tão macerados dos líquidos inquinados, do roçar constante dos corpos, de esfregar as costas nuas pelas farpas da madeira, entranhadas na carne, que levam atrás a pele assada, alguma tão esfolada, como que arrancada pelo chicote. Descem

o capataz e o ajudante, juntos, lá abaixo a depositar o que sobra, gotas de caldo gorduroso, farinha de milho crua e painço, em algumas goelas abertas, parecem pássaros mutantes, disformes, em pantanoso ninho. Já não chega para todos. E fazer estalar o chicote, de um lado para outro, para impor o terror,

como se ainda fosse preciso.

À saída, um menino solta-se de sua mãe, que quase não dá acordo de si, e ainda assim estica os braços, como asas desvalidas, e dos olhos semiabertos, revirados, já não se vêem as pupilas, só um branco amarelado de cega a definhar. Não que o menino renuncie à mãe morrente, é o instinto de sobrevivência a falar, e o mar de membros, tentáculos desfalecidos, sargaços oscilantes, que o erguem e levam até às pernas do criado, compreendem, a ele ou ao seu instinto, isto são coisas que não sabe uma santa, como eu, avaliar. Agarra-se às suas pernas, com dedos de ventosas, de polvo pequenino. E o criado enxota-o, esperneia um bocado sem grande convicção, sente-lhe o peso de pardal,

o céu dos pardais é no convés,

estúpido!

pele e osso, detém-se nos olhos do miúdo, uma cara só de olhos, esses bem vivos, e puxa-os, aos olhos, para fora do porão. O capataz protesta e ameaça, também sem grande convicção, que mais alarmado anda com as baixas na mercadoria, e com o nível de água que não pára de subir. Quer informar o capitão, dar-lhe conta da situação,

calamitosa,

mas é homem de poucas falas, preza demasiado as palavras, seus murmúrios e infinitas combinações. A sua função é fazer estalar o chicote e acomodar o maior número de escravos possível, deitados, tão juntos que só encontram posição de lado, peças humanas encaixadas no porão, já andou com embarcações em que se afogava metade dos escravos em água que dava pelos joelhos,

e chegavam ao destino só despojos, tão pútridos e infestados que o barco ficava abandonado, era mais caro limpar, até as ondas o devorarem, a ele, aos restos dos corpos, tudo o mar leva e lava, o pus e as infecções pegajosas, camada orgânica embutida nas madeiras do porão, tão pestilentas que outras embarcações lhe sentem o cheiro a milhas, se o vento soprar a favor. Fica para sempre na memória dos homens. Mesmo na das santas, pobre de mim, que acumulo tão tenebrosos espectáculos, vexações inextinguíveis, décadas a testemunhar tamanhos tormentos que se me cortam a cabeça sai sangue, de jorro. A minha memória é uma vala comum. Uma água pouco benta que, se a revolverem com a mão, fica avermelhada. Santa sou, mulher mal-amada,

ressabiada,

só se lembram de mim na aflição. E o capataz, que vai com a atenção na imperícia do piloto, no pouco tento, pouco resguardo, na calafetagem feita à pressa, poupada na bolsa dos contratadores, a observar, sem ver, o criado encantado com o pretinho dos olhos que resgatou lá de baixo, leva-o para um canto, longe do alcance da tripulação, tenta mantê-lo de pé, as pernas estão-lhe bambas como duas antenas de lula, limpa-o com um trapo enxugado, com desvelos maternais, passa uma pasta de biscoito por ele mesmo mastigado para a sua boquita seca, e o miúdo lá vai engolindo, o criado afaga-o, faz-lhe festas, bate palmas desajeitado, tenta forçá-lo a sorrir, aparta as beiçolas num esgar, a criança não reconhece a linguagem dos músculos da face, ainda não aprendeu a rir. Nunca ninguém, nem mesmo a mãe, houvera sorrido para ele. E, por mais que o bizarro homenzinho lhe desvie a carita, ela fixa-se em mim, estica o braço descarnado na minha direcção, que lhe valho eu, criatura amaldiçoada pela servidão eterna, cria renegada de Caim, condenada a penar pelo mundo, a carregar para sempre a negritude ruim? Antes tivesse ficado no túmulo lá de baixo, que não posso eu apiedar-me de quem não tem alma, e do

outro lado dos olhos só existem brumas, turbilhões de vontades sem sentido. Não sois vós que penais, tão-somente metade do que sois, porque são eles meio homens, meio coisa nenhuma, sem alma um ser humano está só cheio de vísceras, ossos, órgãos gelatinosos e sangue. Sois um aglomerado de carnes. Enquanto eu sou aglomerado de eflúvios, só alma sem corpo. Entre a carne e a madeira, os brancos escolhem a madeira, pois, pois, que vos digo eu, que tantas vezes assisti a dezenas de escravos, homens, mulheres e crianças de rojo, atados uns aos outros, lançados para o mar, só para aliviar a carga do navio.

Cria o corvo, tirar-te-á um olho.

E, de súbito, tudo conflui para a primorosa tormenta. Sem qualquer nuvem no céu, que é para que Deus veja bem todas as ignomínias que aqui se vão passar, olhem, que vos digo eu, mulher de pau, que leva túmulos na cabeça e todos os porões escuros de todas as almas. Antes cortesã, de interiores milhares de vezes devassados, de dignidade infectada pelos sémenes misturados de tantos machos, do que santa de navio, a receber derramamentos imundos, ralo para onde convergem os sonhos corruptos, fossa de esgoto de índoles míseras, cloaca nauseabunda, refugio de latrinas. O capitão suspendeu a ração dos marinheiros, está a cozinha aferrolhada, um oficial a guardar. Meio quartilho de água diária a cada um. Junto à proa, diante de mim, se há-de o desconsolado banquete montar. As iguarias que restam trazidas para a mesa, debaixo dos olhos e dos narizes dos marinheiros obrigados a perfilarem-se, a assistirem à refeição. Estão aqui também o capataz e o criado esquisito com o pretinho ao colo, que adormece a cabeça de olhos abertos no seu ombro. E o moço da estrebaria, que ainda chora pelo cavalo decepado e limpa o ranho de véspera com a manga da camisa. Toda esta corte triste e famélica a presidir ao repasto alheio, até a tripa fartar. Trazem para a mesa queijos, carne de ave salgada, nozes, arroz bafiento e muito vinho. O capitão

faz questão de que todos sejam servidos com abundância, para regalo dos comensais e delícia dos seus gostos. A mulher, com aquele olhar de armar ciladas e de fulminar traições, abana-se com o calor, amaldiçoa esta ideia de manjarem ali à torreira, com aqueles olhares esgazeados em redor, e o da santa fixo,
a sorrir de beatitude.

Ou de depravação, pensa ela de mim, que bem a escuto eu, santa de cabelo índio, fêmea de tantos homens, tocada por mil dedos, acariciadas as vestes, as pernas, os cabelos sem me fazer rogada. Eu sou toda vossa, despedaçai-me, provai-me, saciai-vos de mim, lambuzai-me com vossos descuidos e impertinências, os que já morreram e ainda não o sabem, os que estão guardados para grandes suplícios e não os provaram. Tendes alegria nos padecimentos e sofrimento nos desejos, eu sou quem vos há-de ressuscitar na lembrança das preces dos vindouros, dar luz às mais recônditas das vossas façanhas, e pode ser que alguém, em silêncio, desperte meus desejos que dormem alvoroçados. Que vos digo eu, nesta soledade de séculos, que a mim própria peço ardências e que caia, um dia, onde nem eu própria tropecei. Aí, sim, com a minha autoridade de ofício, darei as minhas graças particulares aos céus. Leio-lhe o pensamento, à mulher, enquanto de minha frente ela se alambaza por duas ou três com medo de que lhe falte, reparte com avidez uma perna de capão com o filho, outro naco para a filha, diáfana criatura, destituída de apetites, olha o prato, absorta da realidade, faz que come, deixa cair metade do arroz no caminho entre o esmalte e a boca, e assim se queda, muda, ninguém repara, só o passageiro, constrangido com a situação, não sabe como intervir, falta-lhe tacto, coragem, convicção ou vontade, falta-lhe isto tudo junto. Um tímido. E a timidez é o adubo da cobardia.

Tam depressa, ó delicada alva pomba, pera onde is?...

O capitão tenta encetar conversas, mas elas mal se levantam, morrem numa espuma inútil, como uma onda ridícula. Só se escuta o

bater dos talheres nas malgas, que no silêncio se amplia e arrepia, e, como que trazido desde as funduras do mar, um silvo, pungente e asmático que se extingue para recomeçar mais adiante, vindo do cavalo que o capitão não deixou abater. Ai, que vos digo eu, os estômagos dos homens sabem falar, clamam por mim nesta hora de martírio e são vozes sinistras como eu nunca ouvi, que vos digo eu, são brados soturnos, roncões das almas, com tanta malquerença que avantajará a minha acumulada, não tanto pela comida que lhes falta, e que exuberava na mesa, mas pelo ódio que não podem consumir. Alguns aflagam os punhais, entalados nos calções como para os apaziguar, o mesmo se faz a um cão raivoso que se quer amansar. E, diante da santa, proclama e promete o capitão que não sairão dali, nem será levantada a privação de mantimentos e água, enquanto não aparecerem os culpados de retalharem o cavalo, isto vos juro, que vá a barca ao fundo, com todos os vossos corpos esfalfados de fome, mirrados de sede, se não me entregarem os tratantes. Passam-se horas, tantas horas diante de mim, os marinheiros de cabeça baixa, a ouvirem os sonoros mastigares, bocas abertas a mostrar a comida revolvida de saliva e vinho, estão rebentados de calor, a bebida dos outros azeda-lhes a glote, não sei se de mim esperam um milagre ou que feche os olhos, maneira de falar, bem entendido, para não lhes testemunhar o rancor, e a execração não chegue, por meu intermédio, mais depressa lá acima. Pensam eles, que, coitados, confiam na minha não delação. A salvação já só vos pode estar no chorar e no perdoar...

Homens do mar são rijos, feitos da mesma fibra dos cabos que suportam as inclemências do sol e das tempestades. O capitão estende a refeição o mais que pode, levanta-se e, em voz ferozmente mansa, exige a denúncia dos responsáveis, leva-lhe um pedaço de carne cozinhada junto à cara de cada um, despeja-lhes o vinho no chão, que se infiltra, purpurino, entre os sulcos sequiosos das

tábuas, e os marinheiros não mexem um nervo na face, nem para evitar que o suor lhes escorra para os olhos, têm-nos todos, aos nervos, retesados, nos punhos, atrás das costas, que bem os vejo eu, braços de madeira seca, como a minha. Qualquer lapso de tempo é medido em gotas de suor, em solavancos no estômago, e o sobrado do navio, aqueles pulmões pútridos a expectorar, a expectorar, também eles sentem o cheiro da comida, despertam dos seus torpores, e o chão debaixo daqueles pés descalços a vibrar, um batimento cardíaco colectivo, que engrossa, incha e retumba de clamor. E o convés, pele de tambor, lateja, expira e inspira, numa pulsação galopante. Ninguém dá conta, só eu, ao menos pudesse agora ter a graça de um sinal da Tua existência para que eu própria acreditasse na minha e assim os conseguisse avisar, levantar o sobrolho, franquear estes meus lábios sempre cerrados de muda devoção, abanar agora o mindinho, agarrado aos restantes dedos, barbatana vã, uma mão sobre a outra pousada, como se me cumprimentasse a mim mesma... Maldita lenha que me tolhe, e prende, me sufoca de invalidez. Ninguém nunca me pode escutar. De mim só podem esperar alívios e absolvições. Reside aí toda a minha vanidade. O capitão arrima ameaças, antes assim, pensam os homens, enquanto vigora o verbo descansam os ameaçados. O sangue corre-lhes nas veias veloz, atijado, bombeado por um coração

aviltado.

Os seus corpos não são corpos, ai, que vos digo eu, são cabides de ódio e má fortuna. Que quem está por tudo, já por nada está. Ninguém responde, a mulher dá sinais de inquietação,

cadela do tihoso das profundezas,
que o capitão saberá de navios, monções, marés e seus enigmas, mas de governar serviços percebe ela. Que muitas vezes os criados lhe foram à despensa, que quem comeu as partes do cavalo há-de estar de estômago apaziguado, ela conhece bem os hálitos

da fome. E propõe-se a cheirar um a um os sopros das bocas roazes dos marinheiros...

Gente que ladra e come calhaus, não há-de a ela escapar. Assente o capitão nesta afronta, homens do mar a serem inspeccionados nos seus particulares por uma mulher forasteira, que protege o adunco nariz com um lençinho perfumado, depois da baforada que cada um lhe lança. De que servem, eu vos digo, as cóleras dos ventos e dos mares, as impassibilidades das calmarias, se os homens conseguem fazer tempestades mais tenebrosas dentro de uma casca de noz, buraco de Deus esquecido? A mulher arrepende-se da empreitada, vêm-lhe cheiros de macho ao nariz, faz que tosse, que não aguenta, abana-se, simula que desmaia, torna a abanar-se, benze-se na minha direcção. E um marinheiro jovem, um mais atrevidote, lança-lhe um dichote, uma graçola esfrangalhada de pouco tino. Escangalha-se a formatura, agarram-se à barriga os homens de tanto rir, e na galhofa quase que entram o capelão e os oficiais, travados de imediato pelo olhar irado do capitão, que esperava melhor ocasião para ferrar. Range os dentes e aponta logo o dedo ao rapazola, já sentado no chão, perdido de riso, regalado com o efeito que provocou nos camaradas. Paga este por todos, os que comeram e não comeram os esbulhos de cavalo. Manda logo um oficial que lhe amarre um cabo à cintura, fica o rapaz petrificado, sabe o que o aguarda, a ascendência inglesa do capitão não lhe despigmentou só as barbas ruivas, também se lhe ficou nas práticas correctivas, o rapazote lança-me olhares de súplica, um milagre pela sua vida, com tão mais futuro do que passado. Sou de pau, rapaz, nestes séculos não produzi milagres nem feitiços, só orações irrespondidas, tomara eu, que primeiro a mim me salvava, santa estéril e seca, mulher sem menstruação, e até as lágrimas que me vêm na face é cera que o capelão me vem pôr, a derreterem ao sol para impressionar venerações renitentes. Estás entregue à tua sorte, rapazola. E o velho pai interpõe-se entre o